

Jornal das Senhoras – Tomo I - 2 de maio de 1852 - Edição 18

Link: <https://memoria.bn.gov.br/doctreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=162>

TOMO I. – DOMINGO, 2 DE MAIO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

MODAS.

É fóra de toda a duvida, queridas leitoras, que estamos na estação dos bailes. O embriagante prazer dos salões reappareceu; e aos suaves enlevos do campo, ao fulgente clarão de uma manhã serena e pura, ahi tendes agora mil velas ardentes espalhando a luz feiticeira e cambiante de uma noite perfumada no brilhante salão do Cassino.

Oh! como eras tu tão desejedo....

A magestade angelica da verdadeira rainha do baile, e a flor das nossas elegantes, trajando no mais apurado capricho da moda, ahi se reunirão segunda-feira á noite, entre os encantos de sua propria belleza e elegancia, e as harmonias de uma musica sempre alegre e arrebatadora.

Que concurso deslumbrante!

Cada um desses semblantes, meigo e prasenteiro, era a expressão não equivoca dessa fusão embriagadora e deliciosa.

Notavão-se lindos *toilettes*. Os vestidos, entre os quaes brilhavão dois iguaes aos do nosso ultimo figurino, (vierão tão poucos!) em geral erão de largos folhos ou guarnições de rendas pretas sobre côr de rosa, azul claro e côr de canario; alguns outros havião, e não menos ricos, brancos e de desenhos chinezes, sobresahindo-lhes a graciosidade de algumas elegantes e a belleza de outras, para tudo compensar.

E com efeito, não ha quem menos precise de atavios, que a belleza e a graça natural: um qualquer *toilette* acompanhado deste condão maravilhoso é sempre tão interessante.... não é assim?

Entretanto eu vos offereço hoje um dos mais distintos *toilletes* que vos tenho apresentado. Elle se amolda gracioso a qualquer idade e posição, e não duvida entrar nos grandes bailes com as prerogativas de um dos mais - especiaes e fantasticos *toilettes*.

Eu vos explico a estampa.

Vestido de finissima escomilha branca com uma tunica curta, recortada e orlada com transelim de palha de trigo. Segunda saia de larga bordadura a capricho tambem de palha, por cima

18

– 137 –

de um forro de setim branco, cuja barra desce mais abaixo, na largura de uma polegada. Corpinho - a virgem - isto é, fiazido de bico redondo e talho no mesmo sentido; gola-de grande decote enfeitada com um largo berthe igualmente bordado, da mesma fazenda, e garnecida de um crespo de fita de setim rosa. Mangas justas e occultas pelo berthe, que cahe até meio do ante-braço. Cinto de fita de setim rosa, laço duplo collocado á direita, desprendendo duas pontas fluctuantes de vinte e cinco polegadas de comprido e tres de largura.

O penteado de bandós ondeados é sempre mui gracioso, e o do presente figurino tem para remate dessa graciosidade uma galante grinalda composta de flores de trepadeira côn de rosa enleiadas em folhagem de palha.

As luvas sem enfeite, o leque de madreperola aberta, as pulseiras, o alfinete de peito e os brincos de diamantes ou de fantasia, por certo não são nenhuma novidade, mas tornão-se indispensaveis neste *toilette* de rigor, assim como os sapatos de setim branco.

O arimazem de Wallerstein e Masset recebeu pelo ultimo paquete estes fascinadores vestidos de escomilha bordados de palha, tambem os de *acrophone*, *gase*, e os de cassa de seda, que effectivamente são de uma grande novidade. È preciso vel-os, assim como toda a variedade de primorosas fazendas que lhes chegarão, para admirar a perfeição do trabalho e o apurado capricho desses artefactos franceses.

Os córtes de seda - Medicis, Dubarry, Albanie, Pomone, Esmeralda, Bosphore, Perolas do Brasil, Montpensier, Val d'or, são inemitaveis e lindissimos.

As guarnições que receberão de joias de esmalte, trabalhado sobre aço, são o primor da arte: as pulseiras, os alfinetes, e as correntes de relogio encerrão uma galanteria e delicadeza de trabalho a toda a prova!

Por hoje não vos fatigarei mais. Adeos.

Infante, 30 de abril.

Christina.

A PENITENCIARIA,

RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

É muito linda esta cidade da Philadelphia! Como são largas, espaçosas e limpas as suas ruas!

Agora que estamos no rigor do estio, as arvores das ruas prestão a sombra benefica da sua verde folhagem.... tudo aqui respira alegria, bem estar e trabalho! Percorremos hoje todo o *Nolherse Libertys, Spring-Garden, Girerd College*, e por fim ás 5 horas e meia da tarde parou a nossa sege defronte da porta da *Casa de Penitencia*.

Apresentou-se-nos um vasto quadrado, cercado de espessa muralha, e com todas as seguranças possiveis, e no meio de outro vasto quadrado de verdura, elevando-se silencioso e severo, o edificio octangular chamado *Penitenciaria*: em vão procurei a sentinella dessa prisão, o official de guarda, as bayonetas e espingardas, que em a nossa America do Sul são os interpretes e fieis representantes das leis.... Aqui a força moral da lei só me apresenta um caracter solemne e grandioso!... Atravessamos o espaço que faz frente ao edificio; quadrados de suave relva e sempre as brancas colmenas, porque neste paiz usa-se muito do mel de abelhas; a minha admiraçāo cresce a cada passo que dou; esta casa tem só quatro empregados!... O edificio tem uma galeria terrea e um sobrado; em baixo é destinado aos homens, em cima está o departamento das mulheres. Ha um quarto octogono collocado no centro do edificio, cujos corredores estabelecidos em raios podem ser vigiados por uma só pessoa postada no centro desse quarto.

Um carril de ferro passa pelo centro de cada corredor para facilitar a rodagem do carro que conduz as rações, ao qual basta um pequeno impulso dado para se mover. Já se sabe, a cozinha é de vapor, o pão é cortado por uma machina, que dá, não me lembra que numero extraordinario de rações, com um só golpe. Os alimentos são de primeira qualidade e preparados com o maior asseio.

Não ha o mais pequeno máo cheiro; toda casa está tão limpa, que parece concluida de hontem.

- Eis a cellula de penitencia, nos diz o guarda abrindo uma dellas, todas são exactamente iguaes a esta.

Entramos.

À cellula teria tres varas de comprido sobre duas de largura; uma fenda lá perto do tecto dava-lhe luz bastante. Uma boa marqueza, muito limpa, com seus lençóes, cobertor, colxa e excellente travesseiro, era a cama do preso. Havia uma pequena mesa de trabalho, uma prateleira contendo objectos de uso e tres livros - a Biblia, um tratado de Algebra e um livro de Artes Manufactureiras.

– 138 –

Duas torneiras d'agua, uma quente, outra fria, duas tinas pequenas, e o bahu do dono do quarto. Por um tubo de chumbo era communicado o callorico no tempo do inverno.

Com effeito, um homem fechado só, durante quatro, seis, oito ou doze annos, sem luz á noite, e rodeado de silencio, já tem espaço para pensar no passado, no presente e no futuro.... quantas reflexões, quanta Iembranças e quantas lagrimas de saudade ou de arrependimento, A não terão corrido aqui!

Uma consequencia natural, é que neste paiz a justiça não castiga, atormentando os réos; a missão da justiça é corrigir, morigerar os homens.... Não duvidamos que ha entes tão malvados que não mudão mais, nem se convertem; porém o numero desses mon tros é pequeno. Não são homens.

O resultado geral é optimo. Os presos estão bem vestidos, são obrigados a tomar banho um dia na semana, para o que a casa possue uma sala de banhos.

Ha uma pequena bibliotheca, composta só de livros scientificos, religiosos, etc., etc.

O armazem da roupa, de igual maneira que o resto da casa, está limpo e arranjado com todo o esmero.

O preso trabalha desde seis horas da manhã ate seis da tarde - está constantemente occupado, a excepção do domingo que é consagrado á leitura religiosa.

A cellula que visitamos era habitada por um sujeito, que depois de oito annos de penitencia, voltou ao seio da sociedade, sua familia já não existia. As relações de amizade, tão pouco duraveis neste paiz onde a actividade é tão grande, tinhão-se tambem perdido; elle via-se só, e pois tornou á Penitenciaria, pedindo que ali o deixas-sem acabar o resto dos seus dias; trabalhava para a casa e ajudava tudo aquillo que lhe ordenavão.

O trabalho dos presos é applicado ao seu sustento por uma quantia semanal, e o restante vai ficando em deposito, para formar-lhe um pequeno peculio no dia que as portas da Penitenciaria se abrão para elle, e que volte ao seio da sociedade.

Como estes paizes, que ainda não contão um seculo de existencia politica, puderão morigerar-se, instruir-se, e adiantar-se a este ponto, eu não sei !... acostumada á luta immoral e sanguinolenta, á luta fraticida do meu paiz, admiro-me de quanto vejo! Pasmo de um sentimento de emulação que faz crescer-me o desejo de ter um poder omnipotente, para transportar estes melhoramentos todos para lá.... onde empenhados em lutas mesquinhas, esperdição o tempo e se afastão cada vez mais da civilisação!

(Extrahido do meu diario de viagem.)

AS IRMÃS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA.

« A voragem da revolução que assolou a Europa em 1848 lançou sobre nossas praias hospitaleiras 22 irmãs do Sagrado Coração de Maria, expellidas de seu convento na Allemania; estas virtuosas senhoras tem-se dedicado á instrucção de nossa mocidade, e sua philantropia as levou a receber um numero de meninas pobres muito superior ás suas forças, o que desequilibrou suas finanças, e fez com que se achassem oneradas de uma dívida de tres contos de réis e ameaçadas de uma execução; grande e tormentosa foi a afflictão que pungio as irmãs do Sagrado Coração de Maria; mas elles já sabião que a Divina Providencia creou no Brasil um asylo em S. Christovão, onde centenares de desgraçados recebem mensalmente o pão que lhes mata a fome; onde a viuva e o orphão achão amparo á sua desgraça; onde dous anjos bemfazejos enxugão diariamente as lagrimas dos afflictos: para ahi recorrerão as irmãs do Sagrado Coração de Maria, e como outros tantos achárão remedio á seus males; suas dívidas forão pagas, e elles reposão tranquillas. Quantos destes factos poderíamos nós citar se não fosse o temor de offendre a modestia dos que beneficião com a mão direita sem que a esquerda o saiba, como determinou o Di-vino Mestre ! »

Lemos este artigo no *Correio Mercantil*, e para logo tencionamos transcrevel-o em as columnas do nosso Jornal, onde sempre estamos promptas a transcrever qualquer outro artigo de iguaes merecimentos.

Redacção.

LINGUAGEM DAS FLORES.

(Continuado.)

DA PHILOSOPHIA DAS ROSAS.

Para ornar as lições da sabedoria, emprestão as musas uma rosa aos amores.

– 139 –

Estas bellas flores emblemas do prazer marcão tambem sua curta duração.

O celebre romance *da rosa* que fez as delicias da côte de Philippe o Bello, parece que foi escripto para nos ensinar como é perigoso ouvir um seductor.

« Um amante apaixonado, que se inquieta e agita para se apossar de uma rosa, eis o objecto do livro. Mas este amante tão terno, que nada acha igual á rosa, que elle adora, tão depressa goza seu perfume suave, como tão depressa a abandona e despreza,

A esperança do prazer é para o prazer, o que o botão é para a rosa.

O pudor deve defender a belleza, assim como o espinho defende a rosa.

O velho que falla de amor a uma joven, é como o vento do Outono, que queima a rosa sem a abrir.

Uma filha longe de sua māi está no meio do mundo, como uma rosa que perdeu o viço.

Smindride, da cidade de Sybaris, se queixou um dia que a ruga de uma folha de rosa a tinha impedido de dormir. Eis-ahi porque o philosopho Aristippo, respirando um dia o perfume de uma rosa exclamou :

« Malditos sejão os effeminados, que fizerão descrever tão doces sensações. »

Objecto de amor e de philosophia, diz Bernardin de Saint-Pierre, vede como a rosa que immediatamente sáe das fundas de um rochedo brilha com sua propria verdura, como o zefiro a balança sobre sua haste erriçada de espinhos, como a aurora a cobre de orvalho, e como ella por seu brilho e perfume clama pela mão dos amantes?!

Algumas vezes uma cantharida, occulta na sua corolla, the arrebata o carmin em troco de seu verde esmeralda: então esta flor parece dizer-nos: « symbolo do prazer por meus encantos, levo em meu seio, bem como elle, o perigo e o arrependimento. »

BOTÃO DE ROSA

MOÇA DONZELLA.

O botão da manhã é desbotado pela tarde.

Em todos os tempos uma donzella sempre foi comparada a um botão de rosa.

BOTÃO DE ROSA BRANCA.

Coração que ignora amor.

Antes que o sopro do amor tivesse animado o mundo, todas as rosas erão brancas e todas as moças insensíveis.

Entre muitas poesias que ha sobre a rosa citaremos a seguinte do nosso distincto litterato Joaquim Gonçalves Ledo.

Botão de rosa,

Mimosa flor,

És o retrato

Do meu amor.

Se tu tens nas breves folhas
Suave purpurea côr,
Nas pulchras faces de Lilia
Arde em chammas o rubor.

Botão de rosa, &.

Se o ar visinho perfumas
Com o teu suave odor,
De Lilia o virgíneo bafo
Inspira e convida amor.

Botão de rosa, &.

Tu abres o rubro seio
Ao mimoso beija-flor,
Nos botões do seio della
Hauve vida o casto amor.

Botão de rosa, &.

(Continua.)

Inconvenientes dos omnibus.

Nada tão commodo, nem tão barato como os omnibus; é uma das invenções mais uteis de nossa época, somos os primeiros a confessal-o.... Comtudo, tem seus inconvenientes.... Aquella reunião democratica sim, porém em extremo heterogenea, não é muito de meu gosto a dizer a verdade.... e para isso tenho cá as minhas razões particulares.

Em primeiro logar, a pouca limpeza dos taes vehiculos, que a tudo cheirão menos a *patchouly*; o segundo são os balanços e pulos que dão, capazes de esquartejar uma criatura.... e a altura dos assentos, e o pessimo calçamento das ruas, e tido emfim, que se não fosse a necessidade de estudar um pouco este mundo, com seus interessses



tão diversos, seus dramas em acção à todas as horas, e dos quaes ás vezes conseguimos roubar alguns esboços, que logo passamos ao nosso livro de lembranças, de certo que nunca entrariamos nos taes omnibus, nem nas taes gondolas!

Aqui ha tempos deu-nos a fantasia de ir passear a S. Christovão uma tarde, e fomos ter ao largo do Rocio para aproveitar o omnibus.

Compramos os nossos bilhetes e fomos tomar posse dos logares a que elles nos davão direito.

Lá estavão quatro sujeitos. O primeiro era um homem, muito aceiado, bexigoso, vivo e observador, que tomava suas pitadas e cantarolava o final da *Lucia*; ao pé delle, pallido e abstracto, estava sentado um mancebo de seus vinte e tantos annos, os traços de sua physionomia crão suaves e bellos, suspirava com frequencia e passava a mão pela testa, como para desterrar d'ali uma lembrança atormentadora....

Defronte do moço pallido havia um velho de oculos verdes, que olhava a gente por sobre os vidros dos oculos, tomava de vagar sua pitada e tossia, e com certa tosse catarral pouco agradavel.

Ao pé do velho dos oculos estava uma mulher, feia e no declive da mocidade: ella olhava frequentemente para fóra do omnibus, affectava ares de grande modestia, e olhava com certa prevenção seus companheiros de viagem.

Meu companheiro e eu completamos seis pessoas. Logo depois, nos vierão mais dois, e quando já julgavamos partir, chega todo esbaforido um sujeito, destes infelizes privilegiados pela natureza com a qualidade de *balões*.

gordo.

O espanto dos passageiros foi extremo quando o virão dirigir-se positivamente para o omnibus!

- Com licença, senhores! disse o homem gordo.
- Como! exclamou o homem bexigoso; pois o senhor quer entrar aqui?!
- E para prova, veja.... redarguiu o gordo.

E se poz em pé na porta, não de frente, mas sim de lado, de maneira que eu, que por minha infelicidade estava junto da porta, me senti abafar pelo peso do *balão* que queria entrar!

- O Sr. não cabe aqui! disse o velho dos óculos.

O gordo deu mais um passo, e como era alto, teve de ficar meio curvado, posição que lhe augmentava a fadiga. O suor pingava-lhe do rosto e não podia tomar folego! E eu, triste de

mim, quasi eclipsada, que a parte posterior do sujeito ameaçava expremer-me contra a caixa do vehiculo!

- Senhores! disse o gordo arquejando – um logar!
- Senhor! disse-lhe meu companheiro, repare em que posição está esta senhora, a quem parece que o Sr. jurou de asfixiar!

- Oh! perdão! respondeu o pobre homem; e querendo virar-se com aquella agilidade que os gordos ostentão, foi cahir em cima da mulher feia, que tinha mudado de lugar e que ficava defronte de mim!

- Ai! gritou ella, tirem-me esta torre de banhas.... Uí! cu morro!!...

O conductor acudiu.

- Senhores! que barulho é este?!

Ninguem se entendia já dentro do omnibus!

O gordo tinha cahido ali, e cada um teve seu quinhão; por consequencia todos se queixavão, cada qual procurava safar-se do enorme peso, entretanto, que o homem bola, perdendo o equilibrio, a gravata desamarrada, o chapéo no chão, o collete e suspensorio, arrebentados, bufava como um boi, suava e não podia nem fallar !...

Desaforo! gritou o bexigoso, vir ca este sujeito que só para elle é preciso un omnibus inteiro; vir aqui para pór entalado o pobre povo.... Sr. conductor, este homem não é admissivel com um só bilhete....

Não lhe foi possivel continuar, porque com um esforço supremo dos quatro passageiros que estavão debaixo do gordo, puderão safar-se da terrivel pressão e repellir o desventurado sobre os outros quatro passageiros de diante, e o bexigoso foi o primeiro que recebeu o choque!

A luta travou-se terrivel, e os quatro homens tambem repellirão pela sua vez, o gordo que cahiu como um porquinho, porque os outros corrião para fóra e o pisavão, não sem se machucarem a si mesmos, e sem que o velho dos oculos não rolasse do omnibus abaixo, tomado de um ataque de tosse que o fez perder até os oculos!

Eu, não querendo passar por algum outro inconveniente, fui a primeira que retirei-me, rindo até mais não poder....

Quem dirá que desta passagem já decorrerão dez annos!

ANECDOTA.

A ronda de noite avistou uma vez um individuo que á ella se dirigia, cambaleando, ou como dizem os franceses, descrevendo zig-zags.

O cabo da ronda deu o quem vive? - e o

– 141 –

homem dos balanços respondeu - é um sobrinho do SANTISSIMO. -

Admirados da resposta, mandárao-no avançar, e o cabo fez repetir a resposta, ao que o individuo retornou:

- Sim, senhor.... e então?... Sou sobrinho do SANTISSIMO.
- Mas então como pôde ser isso?!

Como pôde ser?... Muito facilmente - Meu pai é irmão do SANTISSIMO.... logo por natural raciocínio eu devo ser sobrinho!

Muito riu-se a ronda; porém reconhecendo que o Sr. sobrinho do SANTISSIMO sahira de alguma taverna, levarão-no a passar a noite na cadeia!

UMA PASSAGEM.

DO MAGICO BOSCO.

Da *Illustration* de 17 de janeiro tiramos este pequeno artigo a respeito do celebre prestidigitador *Bosco* de que a nossa chronica semanal deu noticia.

- Outra vez chega *Bosco* á Palermo; era tarde; a cidade estava cheia de estrangeiros, as hospedarias todas ocupadas. Na hospedaria principal disserão-lhe que um capucho ocupava um quarto com duas camas; mas que, assim mesmo, o reverendo o queria pagar. *Bosco* não desanima, manda dizer ao reverendo padre que, se tiver a bondade de lhe ceder uma cama, pagará toda a despesa. O capucho aceita, parte por economia, e parte talvez pelos remorsos de deixar sem abrigo uma criatura á imagem de Deus. *Bosco*, que gosta de passar bem, manda vir um frango, ceia com muita vontade, bebe uma garrafa do Borgonha, depois outra do Champagne, de que oferece ao padre; este recusa com enfado, parece soffrer com muita impaciencia a presença do intruso.

Da cama em que estava, o capucho observava com grande attenção quanto *Bosco* fazia; este fazia que o não via e como se estivesse só. Eis que de repente, depois de muitos trejeitos e contorsões que excitárão a attenção e até visivelmente a inquietação do bom do padre, pega na faca da mesa, e corta a cabeça com a maior frescura do mundo. A cabeça cahe para um lado, a faca para outro; *Bosco* abaixa-se, pega da cabeça, e entra, como S. Dionizio, a passear com ella na mão. Como se lhe disparassem uma descarga de cem pilhas electricas, o capucho salta da cama, lançase á porta, abre-a, entra no corredor, e desce os degraus das escadas quatro a quatro gritando como um trovão: «Acudão! acudão! um furioso que cortou a cabeça. » Correm ao quarto fatal, e achão *Bosco* muito frescamente sentado, com a cabeça nos hombros, e bebendo o ultimo copo de Champagne. Perguntão-lhe que historia era aquella; responde que provavelmente o frade tivera algum accesso de febre; que estava muito bom, e que nunca passára melhor.

Não importa, diz o capucho, não quero dormir ao pé deste diabo, irei para a cocheira; foi, e *Bosco* ficou com todo o quarto.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.

MICHELET, Historia de França.

AS PRIMEIRAS GLORIAS DO JUIZ DE PAZ.

Meio dia batião os differentes relogios da cidade, quando o juiz de paz e Julião Fabre forão introduzidos pelo coronel Corvalan presença de S. Ex. o Sr. governador.

Máo grado ás suas ambições, o juiz e Julião sentião-se tremer diante de Rosas, não por temor que delle tivessem, nem por comprehendерem o que elle podia e valia; mas sim porque o vião collocado tão alto, que era para elles quasi um semi-deos!

Rosas com o seu olhar penetrante, peculiar aos homens de alta intelligencia, comprehende em um lançar de olhos os dois individuos que tinha diante de si, e no instante mesmo toma a sua resolução.

Para Julião, a adaga dos mazorqueiros.... para o juiz de paz o barrete de *bobo*.... porque elle sabe aproveital-os onde se apresentão. O accolhimento que faz a seus dois partidarios não pode ser mais gracioso, mais afavel, mais seductor!

Faz-se repetir os pormenores da tentativa de evasão do selvagem unitario; prodigalisa mil elogios ao juiz, a Julião, e a todos aquelles bons patriotas que ajudão a defender a causa da America !

Pobre povo, a quem uma simples noção de geographia teria ensinado o que é America, e o que valião as imposturas do seu atroz tyranno!

A deserção de Miguel, é a gota de fel que amargura o prazer do dictador, mas elle sabe disfarçar suas penas de homem publico e qualquer sentimento em que fica vencido.

N'um momento aquelles dois homens, acanhados e receiosos no principio, achão-se de novo no seu elemento, e a conversação torna-se geral.

Rosas previne a Corvalan que não ha mais despachos por todo esse dia. Corvalan inclina-se profundamente diante do tyranno, em signal de submissão, e quando torna a levantar a cabeça, acha-se ás escuras!... era a traiçoeira cabelleira, que semelhante á faixa de cupido, vendava naquelle instante os olhos do Coronel!

Aqui, grandes risadas de Rosas que se apraz em tudo quanto mortifica aos outros!

Corvalan que já está acostumado ao humor do seu chefe, não se dá por achado; coloca a cabelleira

– 142 –

no seu lugar, não sem ter passado seu susto supondo ter cegado de subito, e sáe a executar as differentes ordens que ha recebido.

Rosas envia Julião com um joven official, encarregado de ensinar-lhe a cidade e divertil-o até a noite; e convida a jantar o juiz de paz, que fora de si, sente-se arrebatado ao decimo quinto Céo, e na sua alegria não sabe o que diz, nem o que os outros the dizem tambem!

Os *buffões*, máo grado ás promessas da noite antecedente, receberão ordem de não sahir de casa, e Rosas apresenta o juiz de paz á sua familia.

As senhoras, que já estão previnidas a respeito do digno magistrado, o recebem da maneira mais amavel possivel, e immediatamente offerecem-lhe o chá dos Americanos do Rio da Prata - o mate.

Uma riquissima combuca de ouro com salva e bomba do mesmo metal é apresentada ao juiz de paz; por mais que insta, ninguem ha querido derogar as honras do hospede, e o Sr. juiz

não tem outro remedio que deixar-se servir e festejar. Ao primeiro gole que sorve, uma careta horrivel contrae o rosto do juiz, um agudo gemido acompanhado de grossas lagrimas escapão ao desventurado!

Na rica bomba de ouro, está pegada a carne dos beiços, a lingua e garganta tem uma chaga que brota sangue!...

O mate feito com agua a ferver, temperado com pimenta e cantharidas, produz o seu effeito, e por um requinte de maldade a bomba tinha sido aquecida ao fogo tambem!!

Interesse simulado rodeia a victima, e debaixo da apparencia estudada com que se lhe prodigalisaçao soccorros, cohonesta-se o riso que lhes provoca as contorções do desventurado.

Dadas treguas ao soffrimento do magistrado, Rosas procura fazer-lhe esquecer o infortunio do mate, ensina-lhe as habitações todas da casa, as numerosas curiosidades que reune ali.... á força de affabilidade, de cuidados e de franqueza, começa o juiz a esquecer a impressão desagradavel que deixou no seu espirito, o primeiro mate que ia beber em casa de S. Ex. o illustre restaurador das leis!

Passaros raros, armas de custo, flores de estimação e curiosidades de todo o genero captivão a attenção do juiz.

Os magnificos cavallos do general, não ficão no esquecimento; por fim antes de passar á sala de jantar já servida, Rosas o conduz á porta fechada de uma camara onde existe a ultima curiosidade que lhe tica por mostrar; ali o desgraçado juiz, empurrado com violencia, vai cahir entre as patas de um enorme tigre, que dá um rugido e abre as guelas por instincto.

O espanto do juiz chega ao seu requinte! gritos confusos sahem dos seus labios, e por fim desmaia! Quando a hilaridade de Rosas e seu sequito socega, retirão a victima das patas do tigre, assás inoffensivo, pois que criado pelo Rosas, ainda pequeno, não tem unhas nem dentes com que possa offendere, e já está habituado a estas brincadeiras. Mas o mal aventureado juiz no seu panico terror não foi senhor de si.... e apresenta-se á sociedade.... em triste estado! Tinha-lhe acontecido um descuido cruel !...

Rosas torna aos perdões, e o juiz vai mudar de roupa, que já lhe tinha sido preparada uma tão burlesca, que ainda mais augmentava o ridiculo da sua comica pessoa.

Depois de um longo jantar, em que não lhe em sido possivel saciar o appetite excitado pelo enjojo, porque mal provava de um manjar, era logo substituido por outro, e que quando ia gostar deste, o prato era-lhe arrebatado pelo Rignão, que o devorava; em que, sem saber como, todos os molhos o barrusavão, e uma compoteira de doce lhe foi entornada mesmo sobre a cabeça; após esta longa serie de amofinações, chega o café e os licores, e o juiz remata a funcçao

bebendo uma chicara de café, composto de uma mistura purgativa adoçada pelas frequentes libações *de marrasquino e de anissete....*

Era quasi noite quando se levantáão da mesa e passárão ao salão onde innumerias visitas esperavão; ali o juiz é de novo apresentado e preconisado como insigne campeão.... entretanto o infeliz sente um mal estar constante acompanhado de fortes vertigens, de dores estranhas no estomago e intensas na barriga; a sua angustia torna-se cada vez mais insupportavel, vê tudo preto em roda de si, e rola os olhos nas orbitas desmesuradamente; por fim a purga quer fazer seu effeito, e o juiz senta-se para melhor dissimular sem poder saffar-se do seu seu carrasco, que o não deixa nem um segundo. A forçada detenção aos effeitos do medicamento produzem no juiz vertigens de morte! treme todo, e um suor frio e abundante gotéja-lhe da testa, por fim, o limite do soffrimento, pela força da tenção, quebra-se e o juiz prorompe em gemidos acompanhados de toda a qualidade de ruidos internos e externos e de outras demonstrações que o leitor comprehenderá, e sahe da sala e da casa em completa fuga, sem saber para onde vai, nem o que faz, e apupado e ludibriado por todos aquelles que notão o seu estado de perturbação.

PREPARATIVOS PARA UMA SOLEMNIDADE.

Logo que Corvalan se afastou da presença de S. Ex. despediu os amanuenses e annuncioi ao publico, que esperava nos pateos e salões, que o illustre não despachava mais por todo aquelle dia; depois montou a cavallo, e apparentando preencher uma officiosidade toda sua, espalhou a fausta nova da captura do selvagem unitarto, tão importante; porque as virtudes do Dr. Alsina, a sua alta e reconhecida intelligencia e suas nobres e raras qualidades, cercárão sua bella cabeça d'aureola resplandescente do prestigio, desde sua mais tenra mocidade.

Era um grande triumpho para Rosas anniquilar no fundo de uma prisão a influencia de um homem como o Dr. Alsina, designado pela propria natureza como um dos chefes do partido oposicionista, chefe tanto mais perigoso quanto que uma reputação sem nodoa, um caracter grave, reflectido, uma exactitude de juizo pouco commum e sua reconhecida prudencia, o recommendavão

Corvalan percorrendo ao galope as ruas da cidade de um extremo ao outro, com a sua figura de D. Quichote, sua cabelleira giratoria e sua influencia como famulo de Rosas, desperta a curiosidade geral e assusta os pacificos cidadãos.

Como acontece geralmente, o facto primitivo e desfigurado; e assim como o sujeito da fabula que para experimentar a discripção da sua mulher, confiou-lhe que uma noite puzera um ovo - e ouvir no dia seguinte correr o boato pela cidade que elle tinha posto em uma noite - Cem ovos; assim a captura do Dr. Alsina, era acompanhada das mais extravagantes noticias, e corria como indubitavel que, semelhante á *Pesca Miraculosa*, o restaurador colhera de uma vez todos os traidores Unitarios, refugiados no Estado Oriental,

O primeiro passo de Corvalan é pôr em movimento a sociedade popular Restauradora (alias Mashorca) e em menos de uma hora a cidade cambiou de fisionomia.

Todo o mundo corria a fechar-se na sua casa; os criados deixão seus amos e seus proprios senhores servirem-se pelas suas mãos, e corrião pelas ruas a gritar e a gozar da - *Liberdade!*

A Mashorca percorria a cidade, acompanhada de uma banda de musica militar, seguida da populaça, suja, rôta e esfarrapada, a qual respondia os vivas e os morras, e apedrejava as janellas e os lampeões da illuminação por-passa-tempo.

Os pretos reunião os quarenta *candonbes*, e os batalhões da cidade erão chamados aos seus quarteis; para cumulo de confusão, salvava o forte (1) disparavão-se foguetes e repicavão to-dos os sinos das Igrejas.

Foi sempre o calculo de Rosas, e a necessida-de vital de sua existencia politica. - Guerra e festejos populares!

Muitas recriminações pesarão sempre sobre o povo portenho; sem se lembrarem, que as maças que sacudirão a resolução de 1810 não tiverão o tempo de morigerar-se, e que devoradas por uma febre insacrável de revolução, de movimento, de animação, de delirios, encontravão no systema de Rosas, os elementos unicos que podião sacial-as; culpão o povo portenho sem se lembrarem dessa briosa, e valente juventude que correu aos campos de batalha, e que marchou ao patibulo com igual denodo, sellando com o seu sangue o protesto mais eloquente contra o tyranno argentino.

Por isso Rosas, que era o primeiro representante da reacção colonial, teve sempre cuidado de trazer esse povo baixo em continuada agitação, para que a sede ardente que o devorava não se tornasse um dia contra elle e o massacrasse. Por isso ás eternas expiações funerarias do ex-presidente da republica, Dorrego, que durarão um anno, seguiu-se a grande

expedição ao deserto e a lucta com o probó e virtuoso Balcarce; seguiu-se a celebração do triumpho do partido vermelho, cujo chefe era Rosas.

Morre assassinado pela propria ordem de Rosas, o general Quiroga; e as homenagens funerarias seguem até que o processo dos Reinafés absorve a attenção publica.

Fuzilados os Reinafés, encarcera Rosas o francez Bach, assassina-o e então surgindo as reclamações do governo francez, inventa o tyranno o famoso desatino do Americanismo puro, e coloca-se a si mesmo como o campeão da America e dos direitos sagrados da Independencia! como se a França podesse neste seculo, nem nação Europea alguma, aspirar de novo a conquista do vasto continente de Coloso!

Foi d'essa época que datão as felicitações, as procissões e as assignaturas *espontaneas* dos martyres, rogando ao seu carrasco que continuasse a atormental-os.

Rosas pois, não perdia occasião de alimentar a embriaguez delirante da populaça e a preparava aos excessos de 1839 e de 1840.

(*) **Vide o n. 17.**

(1) Casa do Governo.

Continua.

Daremos para o numero seguinte a linda modinha composta pelo Sr. José Rufino R. de Vasconcellos sobre o assumpto das quadrinhas. Intitula-se mesmo O BOTÃO DE ROSA.

Acompanha este numero um figurino de rigoroso toilette para grande baile.

JORNAL DAS SENHORAS

Publica-se todos os DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de mais bom tom em Paris, e os outros seguintes de um engráçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. WALLERSTEIN e C. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mencionadas.

PRECO DA ASSIGNATURA: Por tres mezes, 3U000 rs. na corte, 4U000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor n. 20.